

mento. A obra se completará com a *Historiografia*, ou *História da História do Brasil*, em que trabalha há algum tempo e da qual já publicou mesmo algumas partes (em espanhol, no México, dois volumes — *Historiografia del Brasil* — Siglos XVI e XVII), além de estudos esparsos. Obra longamente amadurecida, deve aparecer em futuro próximo e terá importância — pode-se afirmar sem temeridade, pelo que dela já se conhece. O conjunto *Teoria, Pesquisa e Historiografia* fará um tríptico básico para o conhecimento do Brasil: do ângulo da metodologia, levantamento de fontes e problemas e evolução dos estudos brasileiros será algo único. Demais, o autor promete uma *História do Brasil* e série de volumes de documentos básicos para o estudo da História do Brasil.

O que aqui fica é simples artigo para assinalar as reedições de dois livros de José Honório Rodrigues. Não é o estudo de sua obra, que deve ser feito e é tentação, mas requer maiores dimensões que o artigo. Aí, assinalar-se-á o que é o retrato do historiador. Suas obras — as que têm intuito sistematizador ou os ensaios sugestivos e até provocativos —, o que representam de originalidade no quadro de análises, em revisionismo não só pela amplitude de fontes como pela compreensão da História em função do Brasil moderno, sem o falsamento de interpretações unilaterais, o saudosismo, o país desligado do mundo, mas uma História que é fruto de pesquisa e que não se satisfaz no documento pelo documento, pois que o interpreta pela sensibilidade formada pela ciência social de sua época; uma História viva, que busca compreender o Brasil de agora, seus problemas pela evolução (lembre-se a justa atitude que defende no livro *Vida e História*, de 1966); a História que se pode notar naqueles que absorveram o espírito da ciência que cultivam. O que é raro entre nós, pelos vícios que deformam a maior parte da historiografia brasileira, que ora é feita sem pesquisa, ora sem interpretação, quase sempre com distorções de interesses regionais ou de grupos, ou que é cultivada, de maneira equívoca, como simples erudição, que se basta, ou do ângulo da extrema especialização (que pode ser legítima e fecunda, mas é limitada). José Honório Rodrigues é o homem da investigação servido pela metodologia rigorosa, pela riqueza interpretativa e pelo desejo de enquadrar o seu país no todo de que ele é parte. Não é repetidor do que já foi feito ou dito, mas prefere submeter tudo à crítica. Os largos panoramas de estudo é que o levam a novas visões, a um revisionismo permanente. Sua obra se afirma, pois, pela lucidez e pela operosidade. Daí seu alto significado e a imposição do nome de quem a elabora. A próxima publicação da *Historiografia do Brasil* e da *História do Brasil* fará um dos conjuntos mais ricos para a compreensão do país de ontem e de hoje, dando oportunidade ao estudioso e crítico de fixar com exatidão o retrato de seu autor.

FRANCISCO IGLÊSIAS

\* \* \*

MAURO (Frédéric). — *Nova História e Novo Mundo*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1969, 286 págs.

A coleção "Debates" que já se impôs pela qualidade de seus títulos, publica o primeiro volume dedicado especificamente à História — objeto da presente nota.

Trata-se de livro importante, pois é de Frédéric Mauro, que forma na linha dos melhores historiadores da França em nossos dias. O autor tem já obra ampla, de pesquisa original ou de divulgação. Queremos destacar aqui seu interesse por problemas da história americana. Trabalhando inicialmente em setor valorizado pelo mestre da historiografia francesa — Fernand Braudel —, Mauro publicou em 1960 *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIe siècle, 1570-1670*. Tornou-se comum entre os historiadores daquele país a preocupação com a história dos mares, capítulo da história econômica. Braudel editou em 1949 *La Méditerranée et le Monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, que logo se tornaria clássico, abrindo caminho que já teve muitos seguidores. Entre os quais Mauro que se dedicou ao Oceano Atlântico, vendo-o sob o ângulo do aproveitamento pelos portugueses, em período em que eram eles, sobretudo, os grandes navegantes, cedendo o lugar depois a outros povos. O interesse do historiador pelo Brasil terá vindo como decorrência do estudo sobre Portugal e o Atlântico. Pouco depois, em 1963, publicaria *Le Brésil au XVII siècle*. Escreveu ainda inúmeros estudos sobre a história brasileira e a mexicana — foi professor na Faculdade de Economia, da Universidade de Nuevo Leon, em Monterrey, no México —, que divulgou em revistas. Ao mesmo tempo produziu obras importantes, como *L'Expansion Européenne (1600-1870)*, em 1964, dedicando-se ainda à reflexão e às pesquisas com o sentido da nova corrente que preocupa a historiografia em nosso tempo, marcada pelo cuidado mensurador.

A história quantitativa é das últimas palavras em metodologia. Os historiadores querem adotar os critérios que outras ciências sociais vêm usando com bons resultados, de modo a ultrapassar a fase impressionista que as caracterizava. O quantitativismo tem em mira conceder rigor científico às chamadas ciências sociais, no que tem obtido certo êxito. Sociólogos, políticos, antropólogos passaram a usar métodos mais severos de medida, no que foram antecidos pela Economia, que, pela sua natureza e pioneirismo no quadro das ciências sociais, foi a primeira a adotar os novos métodos, fazendo-o com resultados ainda não atingidos pelas outras. Estas, imitando-a, vêm construindo ou tentando construir modelos com o auxílio da Matemática e da Estatística, com êxito muitas vezes. Certos autores já podem orgulhosamente exibir os frutos de seus esforços, em nível equiparável aos modelos econômicos. A História, que foi a primeira disciplina a cuidar da sociedade e do homem, não podia ficar de lado, e começa a seguir as demais, no que está obtendo também resultados, seja em obras de estudo cujo objeto são casos concretos, seja na reflexão sobre a metodologia; assim enriquecida. A França ocupa lugar de relevo entre os que se dedicam à matéria. Por certo, o quantitativismo na História atinge em primeiro lugar a historiografia econômica, mas já chega também à social ou à política.

O livro que ora se edita trata convenientemente do tema. Como se vê pelo próprio título — que é belo e exato: *Nova História e Novo Mundo* —, reúnem-se aqui duas preocupações vivas de Mauro. “Nova História” é o estudo da técnica mais moderna, quantitativa, que é feito não só no plano teórico, como no plano prático, como se vê com os dois capítulos iniciais da primeira parte (“Teoria Econômica e História Econômica” e “A História, ciência do abstrato”) e alguns da segunda parte (como “Contabilidade teórica e contabilidade prática na América

portuguêsa” ou “O Livro Razão” de Coelho Guerreiro). “Nôvo Mundo” é a outra face das atenções do historiador. Aí, concentrou-se na História do Brasil, embora tenha escrito muito sôbre a mexicana (inclusive sôbre a história do desenvolvimento econômico de Monterrey) e mesmo de outros países do continente. E’ que o autor tem interêsse especial pelo Brasil, cuja realidade conhece muito bem, seja pelo estudo, seja por viagens. O conhecimento que tem da língua portuguêsã é perfeito, o que lhe permite ler a documentação dos séculos XVI ou XVII ou falar com fluência. Importante também é consignar a abertura relativamente aos problemas brasileiros, que o leva a captar a sua realidade profunda, pelo estudo das fontes, observação do país e do povo, completado pela simpatia. Aliás lembre-se que foi um compatriota seu — Auguste Saint-Hilaire — quem mais profundamente captou a peculiaridade brasileira e soube descrevê-la e interpretá-la. No livro que ora aparece, duas de suas preocupações máximas — a metodológica e a temática brasileira — estão presentes, recebendo tratamento feliz, de modo que a edição representa ajuda a estudiosos e pesquisadores brasileiros.

O desenvolvimento que Mauro dispensa a seus temas revela, inicialmente, erudição. Percebe-se que o autor leu tudo quanto existe sôbre o assunto, partindo daí para a investigação em arquivos, em fontes originais. Para essa fase do trabalho é bem aparelhado, pelo domínio das técnicas de pesquisa. Conhecedor em extensão da matéria histórica, pode apresentá-la do melhor modo, pois tem ainda o instrumental para a interpretação, que é o conhecimento de ciências sociais que lhe dão possibilidade de perceber o sentido das várias situações, que analisa com rigor. Demais, tem capacidade de perceber as sutilezas da mudança, o que é essencial no trabalho histórico. O conhecimento de teorias e de situações reais permite-se a exposição de umas e o entendimento de outras, como se vê nos vários capítulos.

Na primeira parte — “Nova História” —, assinale-se o estudo “Teoria Econômica e História Econômica”, em que há considerações felizes sôbre a aplicação de teorias de hoje a realidades do passado. O historiador da economia, ao tratar de épocas recuadas, usa o instrumental teórico que possui. E êste nem sempre é adequado, ou deve ter manipulação com muita cautela, pois as categorias da ciência de hoje podem não ter aplicação em outros quadros. Requer-se do historiador, pois, muita prudência, para não cometer anacronismos ou até disparates, criando situações que não tiveram lugar. O fato de a ciência econômica moderna ter noção de sistema, falar em renda, em conjuntura, enquanto em épocas passadas não se pensava nesses termos, não impede que o historiador utilize êsses conceitos. O século XVI não tinha noção de sistema, o que não impedia houvesse sistema aí; os fazendeiros do Brasil do século XVII não tinham idéia sôbre a renda, mas esta existia e tinha o seu fluxo; não se pensava em conjuntura até há pouco, o que não significa não apresentasse em cada época, com suas características. O próprio Mauro dá exemplo de análise feita na devida perspectiva ao estudar um caso — o da contabilidade de um engenho brasileiro no século XVII, como se vê nesse primeiro capítulo do livro e depois em outro — “Contabilidade teórica...”. Pôde usar categorias de hoje para esclarecer

uma situação antiga, sem distorções desta ou daquela, para que se adaptassem bem. Trata-se do uso feito com critério de seleção, rigor no uso de um modelo analítico. Procedimento do mesmo tipo é comum em Celso Furtado, economista que faz história econômica do Brasil, acusado muitas vezes de incidir em falta por seguir essa forma de trabalho — acusação infundada, como sabem os conhecedores da obra do economista-historiador.

Mauro coloca o problema em seus devidos termos, como se vê na defesa da legitimidade do método, em que se distinguem mais os economistas que fazem História que os historiadores, mais parcimoniosos, como é natural, no uso das categorias da ciência econômica. A matéria é retomada em “A História, ciência do abstrato”, em considerações sobre a História Econômica, quando estuda as diferentes atitudes dos cultores do ramo de estudo, admitindo quatro possibilidades: a de Hamilton, que aplica ao passado, “brutalmente”, a teoria econômica atual; a de Labrousse, que não é universalista, mas relativista, supondo que “cada sistema econômico possui suas leis próprias” (pág. 46); a de Romano-Chabert; e a de Fricman-Oskar Lange. A conclusão que tira é aceitável no primeiro parágrafo e contestável no segundo. Mauro escreve: “a História Econômica aparece como a ciência econômica retrospectiva por oposição à economia aplicada prospectiva de nossos economistas, servindo-se dela e construída sobre ela. Segue-se que o primeiro objetivo da história econômica consiste em ser útil aos economistas, devendo a história econômica aparecer com uma disciplina se não diretamente, ao menos indiretamente operacional” (pág. 51). Aceitamos a primeira parte, mas não nos parece que o objetivo da história econômica é ser útil aos economistas: é claro que ela o é, mas não como objetivo principal e sim como decorrência. O objetivo principal é o seu campo próprio de estudo, em que tem autonomia e que é suficiente para afirmá-la no quadro da História e dos estudos sociais em geral. Outra proposição, que nos parece enfática e discutível é a de que “a história econômica é a ciência econômica do passado” (pág. 79). Não é: ela tem algo mais e algo menos do que é afirmado pelo autor em frase que pode ser de efeito, mas que não tem rigor.

E há muito mais a ser discutido ao longo das páginas do livro, nos cinco capítulos da primeira parte ou nos dez da segunda, cujo comentário não nos é possível, pois tornaria extensa demais a resenha. O que lamentamos, pois há várias matérias sugestivas e dignas de nota, como o capítulo sobre mercadores e mercados-banqueiros portugueses no século XVII. Ou matéria discutível, como a afirmativa de que a produção de ouro em Minas “não cessará de aumentar até os anos 1760” (pág. 200).

O gosto pela História comparativa é freqüente, com boas exposições sobre a construção de navios na Europa Ocidental nos séculos XVI e XVII, sobre as economias coloniais do México e do Brasil e sobre a especificidade da economia do ouro de Minas e do café do Paraíba. E a amplitude das informações que lhe permite esses estudos, sempre esclarecedores, ultrapassando o nível de meros exercícios em que por vezes se comprazem em trabalhos do tipo autores menos qualificados. Eles são sugestivos e atraem certo tipo de historiador que tende a generalidades e a construções brilhantes, que muitas vezes não têm o mínimo de

consistência. Não é o caso, evidentemente, de Mauro, que não improvisa, mas investiga, lê, reflete e depois elabora os seus estudos, modelos interpretativos ou comparações. Elas se impõem naturalmente, não surgem de buscas forçadas de paralelos imaginários.

O volume termina com oportuno estudo “como desenvolver as pesquisas francesas sobre a História da América Latina”, com indicações sobre um trabalho que vem sendo feito e que pode ser incentivado: o pouco até agora obtido e as múltiplas tarefas que se apresentam, com material e temas a serem vistos, em programa que se impõe, no interesse do Brasil e da França.

Pode-se dizer, em resumo, que o êxito da obra de Frédéric Mauro é devido à sua erudição e à sensibilidade que tem para o social. Elas, exatamente, é que fazem as obras históricas de significado, que escapam do simples arrolamento, da narrativa, atingindo a exposição em que há o sentido convenientemente captado. A pesquisa sem a teoria é muito pouco, como a teoria sem a pesquisa pode significar simples reinterpretação ou exercício, perdendo-se muitas vezes em tom abstrato que costuma ser estéril. A conjugação das duas habilidades em Mauro é que explica o seu êxito como historiador e os méritos da obra que lança inicialmente no Brasil, recolhendo ensaios esparsos em revistas e que formam conjunto que tem unidade e coerência. Causa alegria ao brasileiro saber que o autor se sente atraído ainda por nossa História, voltando-se agora para os séculos XIX e XX, “cuja economia os historiadores negligenciaram em extremo”, como assinala no prefácio. E’ aí que têm melhor aplicação os métodos quantitativistas que expõe ou aplica. Muito se espera da colaboração desse francês que tem cuidados especiais com problemas brasileiros, aos quais já deu bastante no sentido de melhor esclarecimento.

FRANCISCO IGLÉSIAS

\* \* \*

HUXLEY (Aldous). — *Eminência parda: um estudo de política e religião.*

Tradução e apresentação de Luís Carlos Lisboa. Editora Saga. Rio de Janeiro. 1967. 306 pp.

As guerras de religião que se seguiram à reforma protestante do século XVI, ensanguentando vários países da Europa acirradamente dividida entre católicos e reformados — guerras que, a rigor, só terminariam definitivamente com a paz de Westphália em 1648 — tiveram, por outro lado, o condão de fortalecer o poderio da Igreja Católica, tornando-a ainda mais ligada ao Estado, especialmente na França onde religião e política caminharão de mãos dadas por alguns séculos e onde a própria Igreja tornar-se-á mais partido político do que propriamente religião. Não foi por acaso e nem por mera coincidência que altas figuras do clero manobraram as rédeas do governo francês durante quase todo o século XVII.

E’ com esta idéia que devemos considerar a história interna da França — e por que não a de toda a Europa? — e é com esta idéia, sobretudo, que devemos ler a obra que Aldous Huxley dedicou a Frei José de Paris, a “eminência parda” do Cardeal Richelieu, o “homem que conduziu os destinos do mundo europeu oci-